



## MEMÓRIAS DA COLÔNIA DO BONFIM: UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO E SEUS SIGNIFICADOS

Nathalia do Vale Carvalho de Araujo  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)  
Endereço eletrônico: nathalia.araujo@discente.ufma.br

### INTRODUÇÃO

Este resumo faz parte de um estudo dissertativo em andamento vinculado ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, faz uma abordagem sobre a antiga Colônia do Bonfim, o espaço, a memória e a identidade, frutos de um processo que envolve uma doença milenar (*lepra*), atualmente não erradicada no Brasil.

A hanseníase, outrora chamada de *lepra*, é uma doença de grande relevância para a saúde pública, devido sua extensão em número de casos, que revelam sua magnitude no contexto brasileiro e por seu impacto na história da humanidade. Quando isso se fala, pensa-se não somente nos aspectos biológicos, mas, sobretudo sociais e culturais. Isso se dá pela construção social de uma história milenar marcada por um modelo de controle excludente e estigmatizante.

As inferências que o tema apresenta são de grande relevância social, uma vez que a hanseníase vem desafiando a ciência no tocante a origem, tratamento e cura. Ela considerada eminentemente social, países como Brasil, Índia e países africanos, concentram os maiores índices da doença.

Observamos que as primeiras medidas adotadas contra a hanseníase, não necessariamente se pautavam na proteção dos doentes no que diz respeito a sua assistência médica e social, a atuação dessas medidas se nada muito mais para cumprir a proteção da sociedade “sadia”, e para conter o avanço da infecção. Por esse motivo, o modelo asilar, através dos leprosários, foi uma medida difundida por longos anos.

Neste trabalho, discorre-se sobre breve contexto história da lepra no mundo e no Brasil. A partir deste contexto é institucionalizado a Colônia do Bonfim, na cidade de São Luís do Maranhão, onde serão percebidos desdobramentos científicos e políticos. Ao passo disso, estaremos estabelecendo o diálogo com as categorias Memória, Identidade e Espaço.

1835



Portanto o desafio deste trabalho é falar sobre a colônia do Bonfim como espaço de memória, esta configurou-se como ferramenta de controle da hanseníase oriunda de uma política de sanitização no Brasil, sobretudo de higienização social, isolando pessoas doentes de pessoas sadias da cidade.

Minha atuação profissional no campo da saúde pública, especificamente, na assistência a pessoas atingidas pela hanseníase no antigo hospital colônia, me possibilitou acompanhar e conhecer alguns egressos do sistema de isolamento obrigatório no antigo leprosário, o que nos motiva a contribuir com o registro da memória desta população para que não apenas o espaço seja lembrado, mas sobretudo lembrar das pessoas que por ali construíram suas vivências, suas trajetórias e seus laços.

1836

## METODOLOGIA

Pretende-se investigar a relação espaço e memória que perpassa o contexto do isolamento compulsório no antigo hospital-colônia do Bonfim, identificando quais os impactos do isolamento compulsório na identidade dos sujeitos a partir dos seus relatos orais dos antigos moradores, bem como, analisar como as dimensões socioculturais da doença e seu estigma interferem na construção dos significados simbólicos do lugar, identificar o acervo patrimonial, documental e cultural. Para tanto dialoga-se com as categorias espaço e memória, usando como referência Pollak, Ricouer e Halbwachs, investigando a memória com as contribuições da categoria espaço elencada por Milton Santos, Tuan, Eric Dardel. Utiliza-se o método da história de vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da história de vida de egressos da colônia, da análise dos lugares de memória, como o Memorial Domingas Borges.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Décadas de isolamento constituiu a história da hanseníase no Brasil, como em outras experiências, o doente foi obrigado a ocupar um lugar desconhecido e tornar este espaço em seu lugar. Condenados, aprisionados e disciplinados experimentaram para além da privação de liberdade, o impacto de uma identidade deteriorada e de construção de formas de resistência através da cultura, novas relações sociais, novas formas de trabalho.

Realização:



Apoio:





A colônia do Bonfim foi inaugurada oficialmente em 17 de outubro de 1937. O regime político aspirava um novo pacto de sociedade, com o discurso de modernização, sem a perda do conservadorismo, muito influenciada por modernistas e intelectuais conservadores. Sobre essa época, o historiador Costa (2016) discorre que

Na efervescência cultural política e social por qual passava o país, havia diversas propostas de caráter modernizante. As cidades eram apontadas como o palco primordial com o fito principal de reestruturar e, mais que isso, criar espaços públicos nos grandes centros urbanos, sob os auspícios da nova “democracia” brasileira, com um claro modernizante e civilizador. (COSTA, 2016, p. 48).

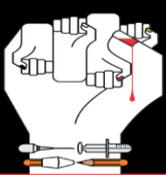
1837

É necessário ressaltar que antes da implantação da colônia do Bonfim, os doentes da época concentravam-se no sanatório do Gavião, um espaço que demarcava o limite do perímetro urbano de São Luís, cujo terreno era da Santa Casa de Misericórdia, confrontava na parte posterior com o cemitério do Gavião, por isso o nome, e ficava próximo ao matadouro municipal. Naquele espaço permaneciam centenas de doentes que impedidos pelas autoridades policiais de mover-se pela cidade. (LEANDRO, 2004)

Leandro (idem) esclarece que existia também forte apelo da imprensa ludovicense denunciando a situação desses doentes, contudo a preocupação longe de ser com os próprios modos de vida dos doentes se situava muito mais na propagação da doença pela cidade, pois a quantidade de pessoas doentes já tomara proporções preocupantes. Estima-se a que no Maranhão existiam nos anos de 1933 e 1936: 1.500 e 1.700 casos, respectivamente, a partir de dados sobre as organizações de combate à hanseníase existentes no Brasil até 1936 do Departamento de Imprensa Nacional. (LEANDRO *apud* SOUZA-ARAÚJO, 1936).

A atuação no campo científico do médico Achilles Lisboa naquela década proporcionou uma notável articulação nos discursos científicos e pedagógicos para o combate e controle da lepra no Maranhão, este se inseriu ainda no campo político, exercendo governo do estado de julho de 1935 a 1936. Em suas publicações e conferências, asseverou o discurso disciplinar sobre espaços “permitidos” e “proibidos” para os doentes.

Com base nesse discurso, iniciou-se em 1932 a construção das instalações da Colônia do Bonfim (um espaço já conhecido para a segregação de excluídos) para inicialmente transferir os doentes do Asilo do Gavião. No dia 08 de outubro de 1937 foi entregue oficialmente.



Ressalta-se que a área da colônia se destinava anteriormente a um hospício (1718), local onde eram recolhidos prisioneiros atacados pelas “bexigas” (1784), para a quarentena de escravos oriundos da Costa da África (1806) e também um cemitério dos ingleses. Escolhido exatamente por ser um local bem afastado, tornou-se ideal para o isolamento de “leprosos” como forma de afastá-los definitivamente do convívio social. Sendo o acesso a colônia apenas através do mar. (PINHO, 2007)

A estrutura era no formato de uma microcidade com 72 casas, uma enfermaria, cozinha, lavanderia a vapor e refeitório, um dispensário, capela para os doentes, casa de detenção para os infratores, posto policial, residência médica, administração, acomodação para as freiras com capela e almoxarifado. Esta infraestrutura era distribuída em área infectada e não-infectada, seguindo o modelo da maioria das colônias existentes no país. (LEANDRO *apud* Maranhão, 1935, p.68-69).

1838

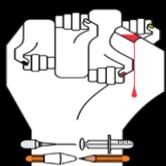


Figura I – Colonia do Bonfim na década de 1930

## CONCLUSÕES

A Colônia do Bonfim, simboliza no tempo e no espaço que se entrelaçam. A concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento. Qual o sentido daquele lugar, qual o sentimento daquelas pessoas que por ali passaram, o que encontramos em suas memórias, o que se apagou e ficou para traz? São muitas indagações, tantas são elas, que desafiam o percurso do andamento desta pesquisa que culminará com um relevante estudo para posteridade desta discussão.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memória. Espaço. Hanseníase. Colônia do Bonfim.



## REFERENCIAS

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Hospital: instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 1991.

COSTA, M. Lima. *O projeto de modernização de São Luís nos anos Paulo Ramos 1936-1945*. Dissertação de mestrado /UFMA, 2016

LEANDRO, J. A. *A hanseníase no Maranhão na década de 1930: rumo à colônia do Bonfim*. Revista História, Ciência e Saúde, v. 16, n.2. abr.-jun. Rio de Janeiro, 2009.

PINHO, A.M.S. *Colônia do Bonfim no passado, hoje Hospital Aquiles Lisboa: 69 anos de história a ser recuperada e preservada*. Disponível em <http://www.leprosyhistory.org>. 2007. Acesso em jun 2021.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

1839

Realização:



Apoio:

